

## **AS DIFERENTES PERSPECTIVAS POLÍTICAS DA *VIDA FLUMINENSE* (1868-1871) E O ANTICLERICALISMO DE ANGELO AGOSTINI**

### **THE DIFFERENT POLITICAL PERSPECTIVES OF *VIDA FLUMINENSE* (1868-1871) AND THE ANTICLERICALISM OF ANGELO AGOSTINI**

Danilo Aparecido Champan Rocha<sup>1</sup>  
Sandra de Cássia Araújo Pelegrini<sup>2</sup>

**Resumo:** Em 4 de janeiro de 1868, o primeiro número da *Vida Fluminense* foi publicado na Corte, periódico de propriedade de Augusto de Castro, Antônio Pedro Marques de Almeida e Angelo Agostini, grupo empresarial à frente de seus conteúdos verbais e imagéticos até 1871. Atenta aos diversos acontecimentos e assuntos do Império de modo a estimular o “progresso” nacional, a redação retratou os responsáveis pelos problemas na esfera política e as fontes de “atraso” social. Por isso, o objetivo desse artigo foi definir as vinculações partidárias de suas publicações e o seu ataque recorrente contra o clero.

**Palavras-chave:** Vida Fluminense; Angelo Agostini; Caricaturas.

**Abstract:** On January 4, 1868, the first issue of *Vida Fluminense* was published in the Court, a periodical owned by Augusto de Castro, Antônio Pedro Marques de Almeida and Angelo Agostini, a business group ahead of its verbal and imagery contents until 1871. Attentive to the various events and issues of the Empire in order to stimulate national “progress”, the newsroom portrayed those responsible for the problems in the political sphere and the sources of social “backwardness”. For this reason, the objective of this article was to define the party ties of his publications and its recurring attack against the clergy.

**Keywords:** Vida Fluminense; Angelo Agostini; Caricatures.

### **Introdução**

A notoriedade angariada pelo caricaturista piemontês Angelo Agostini durante a campanha abolicionista nas décadas de 1870 e 1880 no Brasil Império fomentou a construção de uma memória póstuma a partir dos relatos de seus pares da imprensa e correligionários

---

<sup>1</sup> Graduado em História, UEM (2015); Mestre em História, UEM (2017); Doutorando em História, UEM (2017-Atual).

<sup>2</sup> Mestre em História e Sociedade, UNESP (1993); Doutora em História Social, USP (2000); tem estágio pós doutoral em Patrimônio Cultural, UNICAMP (2007). Como docente do Departamento de História, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) atua desde 1991 no ensino de graduação em História, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais; e nos de pós-graduação em História Mestrado (2000) e Doutorado (2015), na linha de pesquisa "Cultura e Narrativas".

políticos com ênfase em sua ação desinteressada e obstinada como militante antiescravagista preocupado desde o início de sua carreira nos trópicos em combater a escravidão<sup>3</sup>. Porém, o tema abolicionista foi inexistente nas suas primeiras participações nos periódicos paulistanos *Diabo Coxo* (1864) e *Cabrião* (1866)<sup>4</sup> e apenas lentamente foi inserido na *Vida Fluminense* (1868) como medida “civilizadora” juntamente com o processo de imigração europeia. Sem minimizar a sua atuação contra a instituição escravista, notamos ao longo de seus trabalhos na imprensa ilustrada brasileira uma pauta contestatória antecedente a “questão servil”<sup>5</sup> e de maior frequência e longevidade nas suas cenas litografadas: a questão religiosa.

Assim, neste artigo, discutiremos a sua postura anticlerical tratada secundariamente pela historiografia focada em elencar os principais personagens do movimento abolicionista. Como fonte de análise utilizaremos a *Vida Fluminense*, primeiro periódico fundado por Agostini no Rio de Janeiro sob a dupla função de caricaturista e coproprietário. As denúncias sobre a corrupção e o fanatismo do clero e as propostas de laicização do Estado divulgadas por ele como colaborador nas publicações dos semanários da província de São Paulo, principalmente no *Cabrião*<sup>6</sup>, foram reafirmadas pelo caricaturista na posição de empresário na capital do Império e os ataques direcionados aos membros eclesiásticos foram contínuos na revista, independentemente das mudanças de posicionamento político no decorrer de suas séries, até 1871. Por isso, primeiramente, definiremos as vinculações da redação com os diferentes grupos partidários e posteriormente evidenciaremos como a reforma da instituição religiosa configurou a principal tese de Agostini antes das consagradas referências de seu engajamento abolicionista e republicano.

### **O humor “joco-sério” da Vida Fluminense: as intrigas políticas e o combate ao clero**

No início de 1868, em 4 de janeiro, o primeiro número da *Vida Fluminense* foi publicado na Corte, periódico de propriedade de Augusto de Castro, Antônio Pedro Marques de Almeida

<sup>3</sup> BALABAN, Marcelo. *Poeta do Lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. 2005. 361 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, São Paulo, 2005, p. 11-54.

<sup>4</sup> ROCHA, Danilo. *Do traço à troça: o progresso e a civilidade no cotidiano da sociedade paulistana sob a ótica de Angelo Agostini (1864-1867)*. 2017. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

<sup>5</sup> Termo comumente utilizado nesse período para se referir a mão de obra africana escravizada.

<sup>6</sup> ROCHA, Danilo; PELEGRINI, Sandra. *Cabrião: o debate político no Segundo Reinado por meio das caricaturas de Angelo Agostini*. *FRONTEIRAS: Revista de História*, Dourados, v. 20, n. 35, p. 46-67, jan./jul., 2018.

e Angelo Agostini, grupo empresarial à frente de seus conteúdos verbais e imagéticos até 1871, ano marcado pelo desalinhamento ideológico da redação que gerou a decisão do caricaturista piemontês de sair da firma Almeida, Castro & Angelo. Antes da separação derradeira, o trio possuía funções distintas na revista definidas conforme suas aptidões técnicas e interesses temáticos particulares. As atuações eram concentradas em eixos divididos genericamente entre as crônicas sobre os acontecimentos semanais escritas por Augusto de Castro (A. de C.), as manifestações culturais (musicais, peças teatrais e obras literárias) em cartaz na Corte comentadas por Antônio de Almeida (A. de A.) e as ilustrações (caricaturas, história em quadrinhos e retratos) dos principais eventos do Império desenhadas por Agostini (A.). Esporadicamente, outros caricaturistas e intelectuais também colaboraram na produção de conteúdo para a revista como, por exemplo, os artistas V. Mola e Pinheiro Guimarães, ambos remanescentes do *Arlequim*.

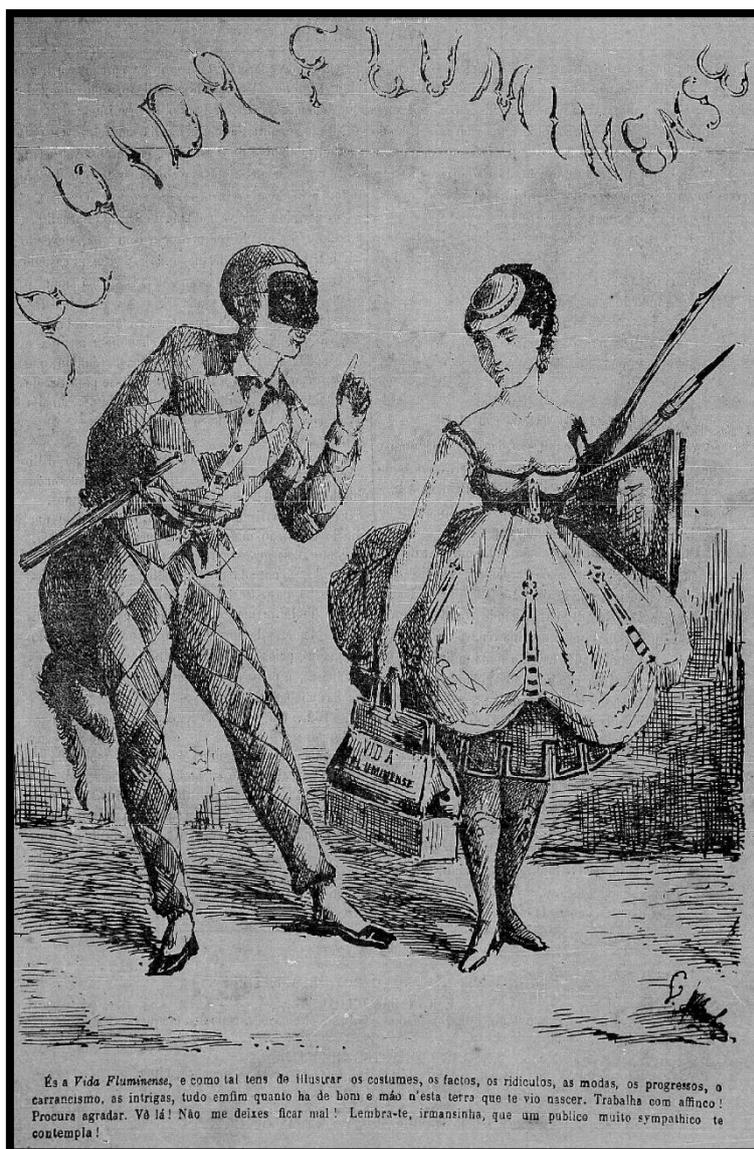
Publicado semanalmente aos sábados, periodicidade repetida nos anos seguintes, a primeira série da *Vida Fluminense* totalizou 52 números e seu conteúdo foi organizado de forma “joco-séria”, humor baseado na crítica cáustica dos assuntos selecionados, mas sem perder a sua “jovialidade” com a abordagem “séria”<sup>7</sup>. Os redatores explicaram a mudança do nome de *Arlequim* para *Vida Fluminense* justamente por essa nova postura “joco-séria” e o aumento de seu formato, alteração não relacionada à “fatalidade” ou a “intriga”, mas apenas como o periódico “mudou simplesmente de nome e de pele”<sup>8</sup>. Assim, após a mudança de nome, a criação de um novo personagem-símbolo para representar a opinião da revista também foi necessária, cuja apresentação foi realizada pelo personagem Arlequim como vemos a seguir.

---

<sup>7</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 4, 11 jan. 1868.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 8.

Figura 1 – A Vida Fluminense cumprimenta o público!



Fonte: *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 12, 4 jan. 1868<sup>9</sup>.

A caricatura feita por V. Mola representou o diálogo entre o Arlequim e a personagem feminina da *Vida Fluminense*, moça recentemente chegada na Corte como sugere a mala e os pinceis em seus braços. Em tom de advertência, o farsante pede para a mulher zelar pela sua imagem ao suceder o seu trabalho e indica a necessidade de “ilustrar” os costumes, os fatos, as modas, enfim, tudo o que há de “bom” e “mau” na Corte. Como o *Arlequim*, a revista recém-

<sup>9</sup> Legenda: “És a *Vida Fluminense*, e como tal tens de illustrar os costumes, os factos, os ridiculos, as modas, os progressos, o carrancismo, as intrigas, tudo enfim quando ha de bom e máo n'esta terra que te vio nascer. Trabalha com affinco! Procura agradar. Vê lá! Não me deixes ficar mal! Lembra-te, irmansinha, que um publico muito sympathico te contempla!”.

fundada manteve a preocupação em “agradar todos os paladares” com a publicação de “retratos, biografias, caricaturas, figurinos de modas, músicas, romances nacionais e estrangeiros, artigos humorísticos, crônicas, revistas, etc.”<sup>10</sup> na tentativa de abarcar a ampla vida fluminense de seus leitores.

Dentre a variedade de tópicos apresentados para captar novos leitores, a *Vida Fluminense* através da criatividade de Agostini forneceu para o público brasileiro a “História de Nhô-Quim”, narrativa visual de grande sucesso na época, fenômeno decorrente da ausência desse tipo de gênero na imprensa e da qualidade fictícia das aventuras do personagem caipira em sua estadia na Corte<sup>11</sup>. Assim, conscientes do poder de captação caso as histórias divididas em vários episódios tivessem forte aceitação, os redatores incorporaram pioneiramente histórias em quadrinhos em seus números, além de dedicarem um espaço considerável para a tradução e a impressão de obras literárias como os folhetins “As proezas do sr. De la Guerche” de Amedée Achard<sup>12</sup> ou “O segredo de Miss Aurora” de M. E. Braddon<sup>13</sup>.

A estratégia editorial de reunir em suas folhas um vasto campo temático proporcionou o sucesso inicial da *Vida Fluminense* ao ponto de a redação não conseguir atender a demanda e atrasar a impressão do retrato em homenagem ao barão de Mauá. Cientes de falhar em seu compromisso com os leitores, a justificativa apresentada foi o número de assinantes acima de oitocentas pessoas e a reprodução de no máximo cem retratos por dia para não danificar a pedra litográfica<sup>14</sup>. Posteriormente, os pedidos novamente excederam a capacidade técnica e a redação declarou aceitar apenas assinaturas referentes ao mês de fevereiro em diante perante o esgotamento das tiragens suplementares dos números 1 e 2<sup>15</sup>.

Por isso, provavelmente para superar esses problemas, a *Vida Fluminense* inicialmente impressa na tipografia e litografia de Ed. Rensburg<sup>16</sup> com escritório na rua do Ouvidor, número 59, mudou a sua tiragem para a tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*<sup>17</sup> e seu conteúdo visual foi produzido em sua própria oficina litográfica instalada no mesmo prédio de seu novo

<sup>10</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 4, 4 jan. 1868.

<sup>11</sup> Cf. os números 57 (p. 4-5), 59 (p. 4-5), 61 (p. 4-5), 64 (p. 4-5), 70 (p. 4-5), 81 (p. 4-5), 88 (p. 4-5), 95 (p. 4-5) e 107 (p. 4-5) da *Vida Fluminense* desenhados exclusivamente por Agostini.

<sup>12</sup> Romance publicado na *Vida Fluminense* entre o número 1 e o 44.

<sup>13</sup> Romance publicado na *Vida Fluminense* entre o número 46 e o 157.

<sup>14</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 4, 25 jan. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00004.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00004.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>15</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, p. 5, 29 fev. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00009.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00009.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>16</sup> Cf. os números 1 ao 14 da *Vida Fluminense*.

<sup>17</sup> Cf. os números 15 ao 112 da *Vida Fluminense*.

escritório na rua do Ouvidor, número 52. Segundo o anúncio, os prelos adquiridos diretamente da Europa estavam disponíveis para a contratação de terceiros a “preços moderados”<sup>18</sup> e o serviço de impressão oferecido incluía retratos, mapas, apólices e bilhetes de visitas<sup>19</sup>, atividade secundária que demonstra a tentativa da sociedade Castro, Almeida & Angelo de expandir a captação de recursos para maximizar os lucros ou equilibrar o balanço financeiro conforme a rentabilidade da revista ilustrada fosse insuficiente. Nesse último aspecto, inclusive, os redatores evidenciaram as dificuldades econômicas enfrentadas em seu primeiro semestre:

[...] Encetada em Janeiro do corrente anno, os tres primeiros mezes de sua existencia foram uma vereda de espinhos, raro alcatifada de flores. Nos tres mezes subsequentes, porém, tudo melhorou de aspecto; e hoje, mercê de Deus! A *Vida Fluminense* finda seu primeiro semestre e entra no segundo, desafogada de tropeços e confiante no futuro<sup>20</sup>.

Como descrito no excerto acima, durante o período de impressão na tipografia e litografia de Ed. Rensburg, a revista ilustrada conviveu com o risco de encerrar a sua circulação e esses empecilhos foram suplantados apenas após a instalação de seu novo escritório no segundo trimestre. Vencido o desafio inicial para a consolidação da empresa, a *Vida Fluminense* pode cumprir as promessas de seu programa e criticar constantemente seus adversários políticos e periódicos rivais. Na imprensa, o semanário permaneceu em oposição ao *Correio Mercantil*, diário associado à facção conservadora, e estendeu as suas críticas ao *Diário do Povo*, periódico “liberal histórico” opositor ao gabinete de Zacarias<sup>21</sup>.

Disse ha pouco que os mais exaltados opposicionistas recolheram-se ao silencio, não querendo pear a acção do Governo, que carecia pôr em jogo toda sua actividade para conseguir a prompta debellação do audaz e ambicioso inimigo, que ha vinte anos se prepara sorrateiramente para a lucta. Dous jornaes houve, porém o *Mercantil* e o *Diario do Povo*, que entenderão ser esta ocasião mais azada de embaraçarem a marcha da administração. Pregarão aos peixinhos. O *Mercantil* excedeu-se a ponto de ser abandonado pelos seus proprios correligionarios. O *Diario do Povo* vai seguindo a mesma trilha. Breve não serão estas duas folhas senão os echos de duas novas facções

<sup>18</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 15, p. 12, 11 abr. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00015.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00015.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>19</sup> Cf. os números 24 (p. 9), 25 (p. 8), 87 (p. 7), 88 (p. 7), 89 (p. 7), 103 (p. 7), 107 (p. 7) e 108 (p. 7) da *Vida Fluminense*.

<sup>20</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 26, p. 2, 27 jun. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00026.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00026.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>21</sup> Natural da província da Bahia, Zacarias de Góes e Vasconcellos (1815-1877) foi um importante integrante do Partido Liberal e líder do Partido Progressista com extensa carreira política no Império conforme evidencia os inúmeros cargos ocupados como presidente de províncias, chefe de gabinetes ministeriais, legislaturas na Câmara dos Deputados, nomeações para compor o Senado e o Conselho de Estado.

políticas, sem força e sem prestígio. O *Diário do Povo* ainda pôde regenerar-se. Para o *Mercantil* não ha mais salvação possível<sup>22</sup>.

Favorável a permanência do ministério de Zacarias, os redatores censuraram a ação de ambos os jornais contra o gabinete e alertaram para as possíveis consequências negativas caso opositores fomentassem uma crise governamental, principalmente, durante a Guerra do Paraguai com os riscos eminentes a segurança nacional. Assim, a condição enfraquecida e isolada do *Correio Mercantil* após os “excessos” cometidos em seus discursos não tinha mais “salvação”, porém, a mesma situação podia ser evitada pelo *Diário do Povo* se interrompesse os seus ataques em um processo de “regeneração”.

O veredicto condenatório sobre o *Correio Mercantil* e a permanência desse órgão da imprensa como adversário desde o *Arlequim* decorria do alinhamento político da folha diária com os conservadores de oposição ao governo progressista, perspectiva mantida mesmo após a saída de parte de seus correligionários no final de 1867 e a formação de um reduto conservador “genuíno” no *Diário do Rio*<sup>23</sup>. Aliás, em conformidade com o antagonismo editorial defendido até então entre a *Vida Fluminense* e os grupos conservadores, o *Diário do Rio* e seu redator-chefe Luiz Antonio Navarro de Andrade também foi criticado pela revista ilustrada. Apesar de deixar a redação no primeiro semestre de 1868<sup>24</sup>, o cronista continuou presente nas sátiras do semanário por anos, principalmente, pelas suas comemorações patrióticas “exageradas” derivada de seu apadrinhamento político com o chefe conservador Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias<sup>25</sup>.

Portanto, os dois veículos midiáticos conservadores foram alvos de comentários depreciativos, sem margem para reconsiderações. Porém, no excerto transcrito anteriormente, o *Diário do Povo* ainda tinha a oportunidade de mudar seu discurso e manter seu “prestígio”. Essa flexibilização específica talvez estivesse relacionada à origem liberal de seus redatores e colaboradores, situados na oposição como “liberais históricos”, mas essenciais para estabelecer uma aliança em torno da administração de Zacarias e consolidar o governo. A empresa jornalística era propriedade de Honório Francisco Caldas e a redação foi dirigida por Lafayette Rodrigues Pereira com a colaboração de nomes recorrentes na crítica do *Arlequim* e da *Vida Fluminense* como os liberais Joaquim Manoel de Macedo, Aureliano Candido Tavares Bastos

<sup>22</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 4-5, 11 jan. 1868.

<sup>23</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 47, n. 26, p. 1, 26 jan. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/13245](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13245). Acesso em: 10 nov. 2019.

<sup>24</sup> Cf. os números 17 (p. 3), 18 (p. 1) da *Vida Fluminense*.

<sup>25</sup> Cf. os números 15 (p. 10), 21 (p. 1), 36 (p. 1), 61 (p. 8), 89 (p. 1) e 105 (p. 2) da *Vida Fluminense*.

e Francisco Octaviano de Almeida Rosa<sup>26</sup>, além de parte da opinião pública também atribuir a participação de Christiano Ottoni no desenvolvimento de seu conteúdo<sup>27</sup>, especificamente, nos artigos em defesa do prolongamento da ferrovia de Entre-Rios por meio do ramal no Porto-Novo do Cunha em Minas Gerais<sup>28</sup>.

No entanto, ao contrário das recomendações, a postura combativa do *Diário do Povo* recrudescer conforme enfraquecia o gabinete progressista. O esgotamento político da aliança formada por liberais moderados e conservadores dissidentes atingia seus limites em 1868 diante da insatisfação da oposição em busca de maior participação nas decisões do Estado somado ao ambiente de crise econômica e social decorrente da guerra infindável. Porém, a *Vida Fluminense* permaneceu aliada ao gabinete de 3 de agosto e comentou sobre as intrigas para a queda de Zacarias.

A crise que atravessamos, longe de fazer calar os mesquinhos interesses pessoais, incita-os de uma maneira incrível. [...] Conscios da precária posição a que seus próprios erros os havião reduzido, chamarão-se ao silencio durante largo tempo; porém, mal perceberão que o Brazil arcava com tantas dificuldades, e que mais do que nunca carecia do apoio de todos seus filhos, reaparecerão na arena e pozerão em jogo todos os manejos imaginaveis para impossibilitar a boa marcha da administração. [...] E o ministerio, esse aproveita as horas de repouso para descansar das fadigas diárias, descuidoso das tramas nocturnas, porque tem a consciencia tranquila<sup>29</sup>.

Como podemos observar no trecho acima, os redatores da revista ilustrada estavam inconformados com a oposição “mesquinha” organizada para atender aos seus “interesses pessoais” justamente no momento em que o Brasil “carecia do apoio de todos seus filhos” para superar a crise e manter a “boa marcha da administração”. Sem citar nomes na crônica, os opositores foram descritos como membros políticos renegados pelo eleitorado, “precária posição” resultante de seus “próprios erros”, e seus discursos contra o governo provenientes de “enfizadas ambições” com “ervados ressentimentos”. Ainda no mesmo número, de forma específica e personificada, a caricatura de Agostini apontou os integrantes desse grupo contrário a situação.

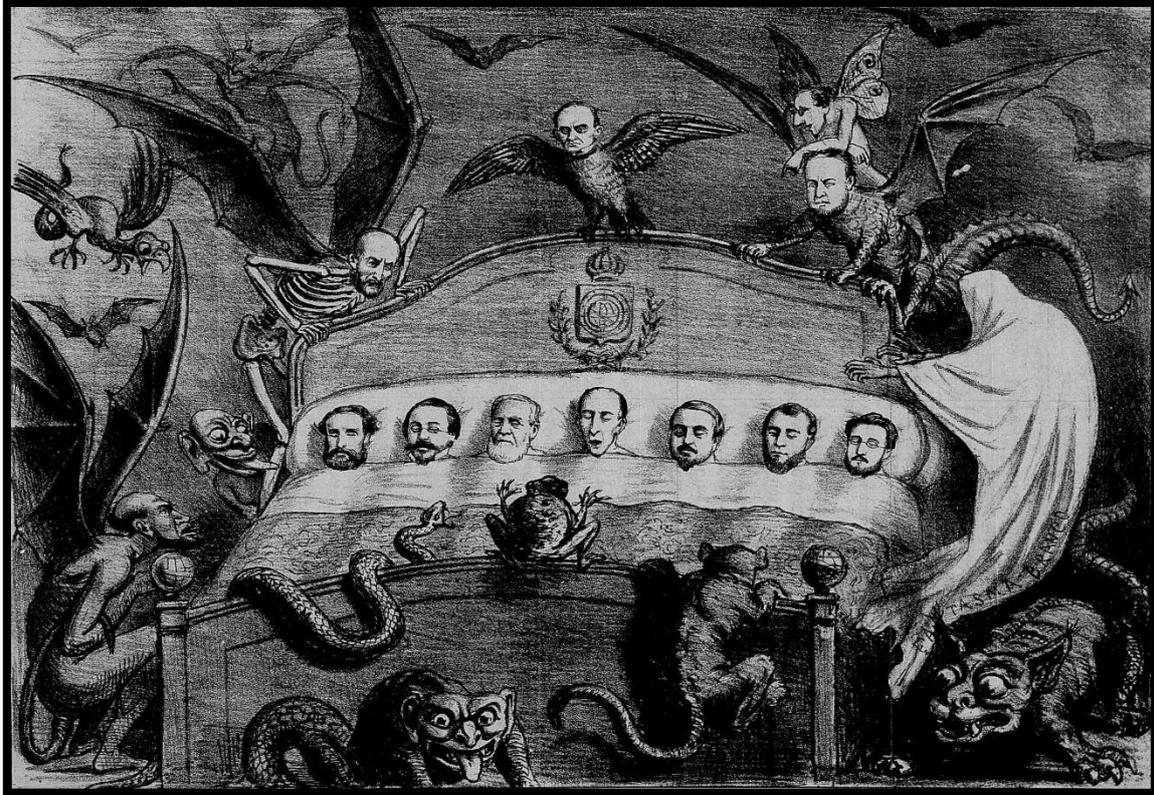
<sup>26</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 72, p. 2, 15 mai. 1869. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1869\\_00072.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00072.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>27</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 47, n. 3, p. 6, 3 jan. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/13134](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13134). Acesso em: 3 nov. 2019.

<sup>28</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 47, n. 12, p. 1, 12 jan. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/13181](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13181). Acesso em: 3 nov. 2019.

<sup>29</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 4, 15 fev. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00007.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00007.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

Figura 2 – O ministério e a oposição.



**Fonte:** *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 10, 15 fev. 1868.

Na figura 2, o gabinete Zacarias descansa tranquilamente na cama, representação do governo imperial simbolizada pela insígnia da monarquia brasileira em sua cabeceira, dispostos da esquerda para a direita com os ministros Antônio C. de Sá e Albuquerque, dos Estrangeiros, Manuel P. de Sousa Dantas, da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, José J. Fernandes Torres, do Império, Zacarias de Góes e Vasconcellos, da Fazenda e Presidente do Conselho, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, da Justiça, João Lustosa da Cunha Paranaguá, da Guerra, e Afonso Celso de Assis Figueiredo, da Marinha. Enquanto o ministério repousa das suas “fadigas diárias”, inúmeros seres demoníacos e noturnos cercam o seu aposento para incomodar seus membros, parte destes entes malignos personificados pelos opositores da situação como os liberais Francisco de Menezes Dias da Cruz (canto inferior esquerdo), Christiano Ottoni (canto superior esquerdo) e Joaquim Manuel de Macedo (Fantasma Branco) acompanhados pela dupla conservadora do *Correio Mercantil*, o senador Firmino Rodrigues da Silva (canto superior direito) e o folhetinista Joaquim José de França Junior, o Osiris (figura alada nas costas do senador).

No centro da cabeceira, após exaustiva consulta, não identificamos conclusivamente o indivíduo retratado. A partir das reclamações recorrentes da *Vida Fluminense* sobre a atuação oposicionista do *Diário do Povo* deduzimos tratar-se de seu proprietário, mas a diferença fisionômica entre a caricatura do “Mestre Frank” (Honorio Francisco Caldas?)<sup>30</sup> e a “águia personificada” da caricatura afastou tal afirmação. A colaboração de “liberais históricos” no *Diário do Povo* permitiu conjecturarmos esse oposicionista como Bernardo de Sousa Franco pela semelhança física e sua retratação anterior no *Arlequim* como um político invejoso e contrário a liderança ministerial de Zacarias<sup>31</sup>, porém, a falta de referência direta na revista ilustrada nos números precedentes sobre o chefe liberal e a não identificação nessa pesquisa de discursos polêmicos ou de grande repercussão durante a sua atuação no Conselho de Estado e no Senado nos dias anteriores a publicação da caricatura impediu essa conclusão por não haver indícios que justificassem a sua presença na imagem.

A presença de oposicionistas da situação ministerial na figura 2 provavelmente foi inspirada pelas críticas publicadas na imprensa brasileira tanto de periódicos da facção liberal<sup>32</sup> quanto da conservadora<sup>33</sup> após o artigo do jornal *Anglo-Brasilian Times* de 7 de janeiro questionar a capacidade de Caxias para comandar as tropas aliadas na Guerra do Paraguai. Subvencionada pelo ministério, o ataque da folha inglesa foi interpretado como uma mensagem indireta de Zacarias por estar descontente com as decisões militares do comandante, principalmente, pela falta de ação no *front* e a dificuldade de vencer a guerra em curto prazo. Próximo ao ministério, a *Vida Fluminense* defendeu os ministros e considerou qualquer ataque como intriga para derrubar o governo.

Na semana seguinte da publicação da caricatura de 15 de fevereiro, a crise política aumentou com o pedido de exoneração de Caxias após tomar conhecimento dos ataques recebidos através da imprensa estrangeira, publicação também compreendida pelo líder militar como uma demonstração pública da desconfiança do gabinete em seu comando. No dia 20 de fevereiro, o Conselho Pleno se reuniu e debateu a grave situação entre o gabinete e Caxias, imbróglio formado na véspera da decisiva ação militar da Tríplice Aliança para a passagem do forte de Humaitá, momento de fundamental importância do seu principal mentor e articulador das tropas aliadas. O presidente ministerial, sem forças políticas para demitir Caxias,

<sup>30</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 7, 25 jan. 1868.

<sup>31</sup> O *Arlequim*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 8, 17 nov. 1867.

<sup>32</sup> Cf. os números 45 (p. 2) do *Diário do Povo* e 44 (p. 1-2) da *Opinião Liberal*.

<sup>33</sup> Cf. os números 12 (p. 1), 13 (p. 1) e 15 (p. 1) do *Correio Mercantil*.

estrategicamente colocou à disposição seu gabinete por considerar insubordinação o pedido do general. O indesejado afastamento de Caxias, justificado para a opinião pública como uma questão de saúde, foi debatido pelos conselheiros como um pedido formulado estritamente pela rivalidade particular com Zacarias e a recomendação foi a permanência de ambos.

O Imperador, ciente da decisão insatisfatória para as duas partes, inquiriu diante do Conselho de Estado quem deveria ser demitido caso o gabinete não aceitasse a resolução. Assim, seus membros (exceto Sousa Franco que não estava presente por motivos de saúde) votaram na demissão de um ou outro e a decisão ficou dividida cabendo ao monarca determinar<sup>34</sup>. Enfraquecidos com a possibilidade de dissolução proposta pelo próprio Imperador, os progressistas foram mantidos à frente do ministério juntamente com o comandante Caxias após a recusa de seus pedidos de demissão. A grave condição de Zacarias foi minimizada nas publicações da *Vida Fluminense* e provocativamente Agostini retratou novamente os seis integrantes oposicionistas da caricatura anterior expressivamente frustrados pela permanência de Zacarias após a crise de 20 de fevereiro e os “boatos” da queda do gabinete<sup>35</sup>.

Ultrapassado o primeiro grande “obstáculo” de 1868, o gabinete progressista não tardou a enfrentar novas incursões dos oposicionistas, principalmente, após a abertura das Câmaras parlamentares. Formada pelas lideranças regionais do último pleito, a Câmara Temporária foi eleita em sua maioria conforme as intervenções locais dos progressistas e a expectativa era de obter forte apoio nos debates sobre o projeto ministerial, coesão política ainda incerta até o início das sessões. Assim, mesmo com a chegada de C. Ottoni, Martinho Campos, José Bonifácio (o moço), Gavião Peixoto, Joaquim José Rodrigues Torres (visconde de Itaboraí) e tantas outras personalidades na Corte<sup>36</sup>, os redatores da revista ilustrada mantiveram a confiança no gabinete e comentaram como apesar do ânimo da oposição

O que o governo quer é o que se faz; está com elle a maioria das camaras, em que peze ás redacções avessas, apesar dos valiosos reforços chegados

<sup>34</sup> BRASIL. *Atas do Conselho de Estado Pleno*: terceiro Conselho de Estado, 1867-1868. Brasília: Senado Federal, 1868, p. 180-192. Disponível em: [https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/ACE/ATAS7-Terceiro\\_Conselho\\_de\\_Estado\\_1867-1868.pdf](https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/ACE/ATAS7-Terceiro_Conselho_de_Estado_1867-1868.pdf). Acesso em: 14 nov. 2019.

<sup>35</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, p. 3, 29 fev. 1868.

<sup>36</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 20, p. 4, 16 mai. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00020.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00020.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

ultimamente dos quatro pontos cardeais. Esta é que é a verdade de hoje; a de amanhã veremos qual será<sup>37</sup>.

No excerto acima, sem questionar o poder de mobilização política dos representantes ministeriais nas Câmaras, a *Vida Fluminense* reforçou o apoio da maioria dos deputados e dos senadores às propostas de Zacarias embora as “redações avessas” apontassem a sua insustentabilidade administrativa. Os arranjos realizados durante as eleições formaram uma base situacionista na Câmara dos Deputados, relação “cordial” reforçada em tom de denúncia até mesmo pelo semanário ilustrado ao caricaturar uma cena com Zacarias distribuindo cargos públicos para os “legisladorezinhos” que “melhor se portarem na escola parlamentar”<sup>38</sup>. A obediência as determinações das redes patriarcais permitiram os encaminhamentos iniciais positivos aos temas defendidos pelo gabinete progressista, condição favorável naquele momento, mas incerto no futuro em concordância com a frase de “amanhã veremos qual será”.

Os “valiosos” reforços recentemente trasladados dos “quatro pontos cardiais” referenciaram a migração dos políticos eleitos das diversas províncias do Império para compor a Assembleia na Corte. Contudo, a principal “ameaça” recém-aportada foi o visconde de Itaboraí, chefe conservador considerado por parte da oposição o representante ideal para presidir um novo gabinete. Se a oposição conservadora do *Diário do Rio* e do *Correio Mercantil* exaltava a presença de seu chefe no Rio de Janeiro, os “liberais históricos” desejavam a organização de um novo gabinete pelo Partido Liberal e os discursos na Câmara de seus correligionários questionavam a continuidade do gabinete de 3 de agosto. Nesse último aspecto, os redatores do semanário dedicaram uma parte considerável de seu conteúdo ilustrado e verbal para defender o ministério como observaremos a seguir:

*Quando o mar briga com as pedras, soffrem os mariscos*, disse o Sr. Dr. Macedo no recinto da câmara temporaria, e explicou a parábola desta fórma: o mar é a opposição, as pedras o governo, os mariscos o povo. O ministerio aceitou francamente a explicação, e só então conheceu o opposicionista que formára a fogueira para nella se queimar. Realmente, quem padece com a luta travada entre a minoria e a maioria, é o povo. Mas quem provoca a luta é a mesma minoria; o governo não faz mais do que defender-se. Logo, é ella a causadora dos males que affligem o povo, e não a maioria<sup>39</sup>.

<sup>37</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 23, p. 2, 6 jun. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00023.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00023.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>38</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 22, p. 4, 30 mai. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00022.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00022.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>39</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 24, p. 2, 13 jun. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00024.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00024.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

A fala de Macedo, político liberal recorrentemente retratado na revista como o “fantasma branco”, foi considerada pelo periódico ilustrado uma manifestação da “minoría” contra o governo, representante da “maioría”, cuja consequência nociva gerada no embate prejudicava primordialmente o “povo”. Além das crônicas escritas, essa alegação sobre a posição defensiva do governo diante dos ataques da oposição reapareceu para o público na caricatura de Agostini, temática apresentada alegoricamente com a retratação do rosto de Zacarias e de seus ministros em uma rocha no meio de um mar agitado com uma forte onda personificado pelo “fantasma branco” indo ao seu encontro<sup>40</sup>.

Portanto, os ataques dos dois principais partidos do Império, injustificáveis segundo a orientação editorial da *Vida Fluminense*, resumiam-se apenas pelas ambições políticas desses grupos

Mas não se pense que as discussões, por longas e tantas vezes azedadas, pesem como a espada de Brenno na balança da vida ministerial. Qual! Os argumentos são os mesmos, sempre os mesmos que *todas* as oposições formulam contra *todos* os ministerios, desde que o mundo é mundo, e podem ser resumidos nestas palavras: - Desça para que eu suba. O povo bem o sabe: por isso contenta-se com sua sorte, receiando que lhe aconteça o que aconteceu às rãs da fabula. E o ministerio, esse só diz: - Guerreiem-me! Atraz de mim virá quem bom me fará!<sup>41</sup>.

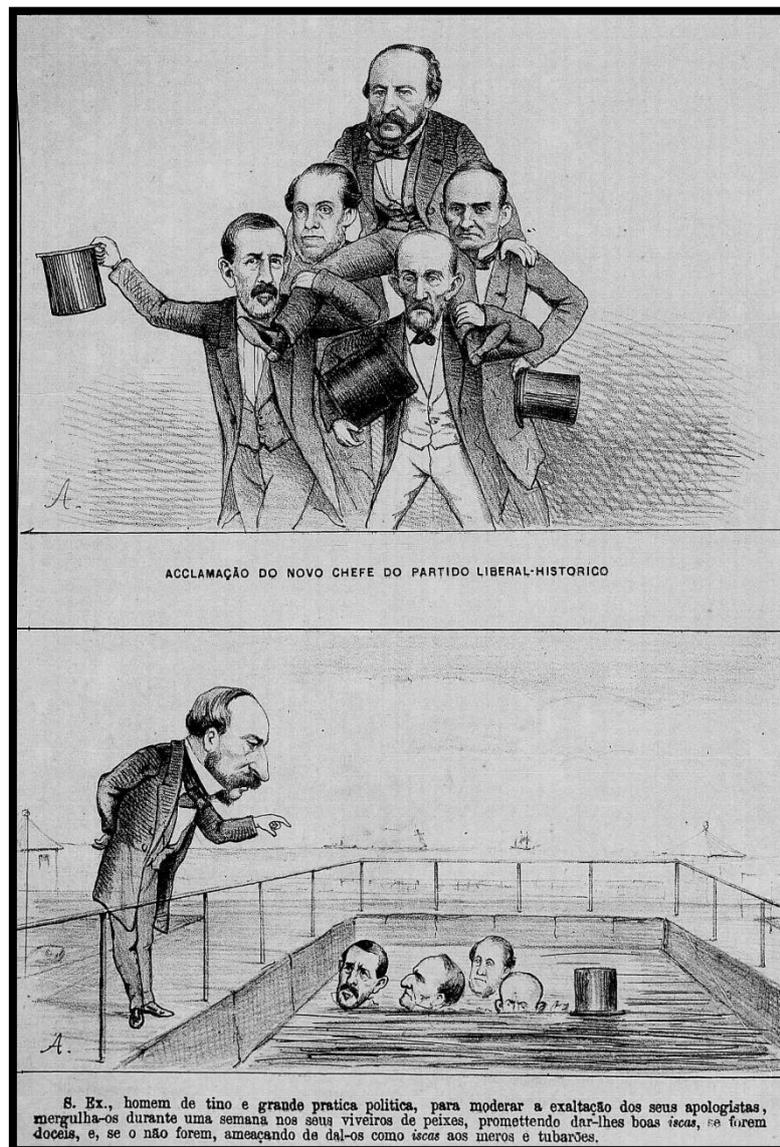
A postura combatente da oposição no plenário, associada pelo periódico como típica de “toda” oposição, não pesava na “balança da vida ministerial” apesar de “tantas vezes azedadas”. Novamente, a tentativa de reforçar a capacidade de governança de Zacarias buscava rejeitar o ambiente inóspito para a continuidade do gabinete, negação incapaz de alterar a realidade dos bastidores com a coalizão cada vez maior de partidários nas fileiras oposicionistas. No dia 15 de julho, após a decisão de D. Pedro II de nomear o conservador Francisco Salles Torres Homem ao cargo de senador do Rio Grande do Norte, escolha contrária à indicação do ministério e interpretada como um gesto de desconfiança do Imperador, Zacarias fez da disputa senatorial uma questão de gabinete. O monarca, por meio do Poder Moderador, aceitou a demissão dos progressistas e delegou ao visconde de Itaboraí a tarefa de organizar o novo gabinete conservador.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>41</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 26, p. 2, 27 jun. 1868.

A mudança de direção política, apesar de defendida por grande número de parlamentares, não foi aceita sem provocar ardentes reações no grupo dos “liberais históricos” pela preferência do imperador em escolher para outra importante função os conservadores em detrimento dos liberais. Na *Vida Fluminense*, essa mobilização liberal foi noticiada ironicamente:

Figura 3 - O "líder" dos "liberais históricos".



Fonte: *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 29, p. 4, 18 jul. 1868<sup>42</sup>.

<sup>42</sup> Legenda superior: “Acclamação do novo chefe do Partido Liberal-Histórico. Legenda inferior: “S. Ex., homem de tino e grande pratica politica, para moderar a exaltação dos seus apologistas, mergulha-os durante uma semana nos seus viveiros de peixes, prometendo dar-lhes boas iscas, se forem docéis, e, se o não forem, ameaçando de dal-os como iscas aos meros e tubarões”.

Dividido em dois quadros, a caricatura da figura 3 retratou as mudanças internas na facção política dos “liberais históricos” ao representar as principais personalidades do partido em um momento de “aclamação” de seu “novo chefe”, o senador José Inácio Silveira da Motta. Sustentado nos ombros de seus colegas, Silveira da Motta foi elevado pelos irmãos mineiros Teófilo Ottoni (esquerda) e Christiano Ottoni (direita) seguido mais ao fundo pelo senador Francisco José Furtado (esquerda) e o conselheiro Bernardo de Sousa Franco (direita). O protagonismo atribuído pelos redatores à Silveira da Motta derivou de sua atuação combativa no Senado contra o gabinete de Zacarias, especialmente, ao requerer em plenário uma cópia da ata do Conselho de Estado de 20 de fevereiro<sup>43</sup> para informar a “opinião pública” sobre as intrigas discretamente ocultadas nos bastidores.

O debate parlamentar estimulado pela proposta do senador liberal recebeu elogios dos periódicos de seu partido como a *Opinião Liberal*<sup>44</sup> e o *Diário do Povo*<sup>45</sup>, folhas redigidas por grupos distintos, respectivamente, situados entre a ala radical precursora do republicanismo partidário e os liberais moderados da oposição denominados “históricos”. As divergências dentro do Partido Liberal eram tão agudas nesse período que em meio à queda eminente do ministério progressista os “exaltados” recusaram qualquer tipo de reconciliação com esse segmento liberal<sup>46</sup>, enquanto, os “históricos” tentavam no Parlamento estabelecer alianças para manter um gabinete liberal no poder com apenas a substituição do presidente Zacarias e de seus ministros<sup>47</sup>.

Por isso, inserida nesse contexto, a caricatura publicada em 18 de julho representou as articulações no seio dos “históricos” de modo a permitir a reunificação liberal e seu “líder” com o dedo a riste no segundo quadro agia justamente nesse sentido ao “moderar a exaltação dos seus apologistas”. Aqui, as rusgas com seus antigos opositores reapareceram, principalmente com relação aos irmãos Ottoni, considerados pelos liberais progressistas como

<sup>43</sup> BRASIL. *Anais do Senado*: anno de 1868. Brasília: Senado Federal, 1868, v. 2, p. 94. Disponível em: [https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais\\_Imperio/1868/1868%20Livro%202.pdf](https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1868/1868%20Livro%202.pdf). Acesso em: 14 nov. 2019.

<sup>44</sup> *Opinião Liberal*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 67, p. 2, 20 jun. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/359696/per359696\\_1868\\_00067.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/359696/per359696_1868_00067.pdf). Acesso em: 14 nov. 2019.

<sup>45</sup> *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 154, p. 1, 7 jul. 1868. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/367737/847>. Acesso em: 14 nov. 2019.

<sup>46</sup> *Opinião Liberal*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 71, p. 1, 11 jul. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/359696/per359696\\_1868\\_00071.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/359696/per359696_1868_00071.pdf). Acesso em: 14 nov. 2019.

<sup>47</sup> *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 151, p. 1, 3 jul. 1868. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/367737/835>. Acesso em: 14 nov. 2019.

os responsáveis pelo “cisma” no partido, divisão derivada das disputas políticas entre os chefes “genuínos” e não pela diferença de princípios<sup>48</sup>.

Assim, descontentes após a ascensão conservadora, um acordo entre os dois grupos foi possível na reunião realizada no mesmo dia da destituição de Zacarias e os liberais concentraram as suas forças contra a instauração de uma “ditadura” no Brasil<sup>49</sup>. A facção “exaltada” dos liberais condenou a “fusão” entre os “históricos” e os “traidores” progressistas<sup>50</sup>, ala reunida no Club dos Radicais e de incessante oposição ao governo independente do partido no poder por compreender a estrutura do Estado corrompida pelo “imperialismo absoluto” e deformadora da prática política.

Sem aprofundar demais nessas questões, o que nos chamou a atenção em meio às articulações políticas foi o posicionamento da *Vida Fluminense* diante da posse de Itaboraí e sua relação com seus antigos aliados progressistas. Em sua crônica semanal, os redatores noticiaram a queda de Zacarias e comentou de forma positiva a formação do novo ministério conservador

Communicar aos leitores que o ministerio presidido pelo Sr. Zacharias finou-se no sabbado transacto, e que no dia 15 do corrente organisou outro o Sr. visconde de Itaborahy; Assegurar que o novo gabinete foi recebido pelo clero, nobreza e povo, com inequívocas provas de sympathia; Dizer que o corpo do commercio da corte, e com elle os das provincias do Imperio e os das nações estrangeiras, que alimentam relações commerciaes com a nossa praça, deposita a mais plena confiança na sciencia, tino administrativo e civismo dos actuaes ministros da corôa; Affirmar que ninguem no Brasil mais do que o Sr. visconde de Itaborahy é credor do respeito e amor nacional, pelos estudos theoricos e conhecimentos praticos das nossas finanças, pela integridade de character, pela nunca desmentida prudencia nas mais solemnes crises, pela honestidade apregoada mesmo pelos seus maiores antagonistas politicos; Proclamar, finalmente, que, prescindindo de qualquer ideia de partido e attentando tão somente para os nomes que compõem o gabinete de 15 de Abril, ninguém póde, sem manifesta parcialidade ou conveniencia de credo politico, contestar que o Brasil deve esteiar suas mais caras esperanças no actual ministerio<sup>51</sup>.

<sup>48</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 47, n. 45, p. 1, 14 fev. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/13333](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13333). Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>49</sup> *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 163, p. 1, 17 jul. 1868. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/367737/883>. Acesso em: 14 nov. 2019.

<sup>50</sup> *Opinião Liberal*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 72, p. 2-3, 18 jul. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/359696/per359696\\_1868\\_00072.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/359696/per359696_1868_00072.pdf). Acesso em: 14 nov. 2019.

<sup>51</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 29, p. 2, 18 jul. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00029.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00029.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

Apesar de defender com veemência o gabinete de Zacarias no primeiro semestre, a revista ilustrada anunciou o novo governo com “inequívocas provas de simpatia” e afirmou que “ninguém no Brasil mais do que o sr. visconde de Itaboraí é credor do respeito e amor nacional”. A ênfase dada na integridade de caráter do presidente do conselho e seu conhecimento prático e teórico sobre a economia brasileira buscou perante a opinião pública garantir a confiança na nova administração para lidar com a crise política, militar e econômica. Quanto a união das duas facções liberais, Augusto de Castro apontou como “estes *arrufos* políticos cheiram sempre a interesses particulares, quando não são mera puerícia”<sup>52</sup>.

A Câmara dos Deputados, reduto dos liberais, formaram imediata oposição aos conservadores de 16 de Julho e D. Pedro II, por meio do Poder Moderador, dissolveu a câmara mediante a convocação de novas eleições. Afastados das decisões do poder, a oposição acusou a ação da monarquia de “absolutista” após a “aniquilação” da “liberdade”, “princípio fundamental do regime parlamentar”<sup>53</sup>, concepção divergente da adotada pela *Vida Fluminense* ao ignorar o assunto em suas crônicas e apenas caricaturar uma cena com Itaboraí “revelando” a decisão do monarca de diluir a casa temporária.

Figura 4 – A dissolução da Câmara dos Deputados.



Fonte: *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 31, p. 4-5, 1 ago. 1868.

<sup>52</sup> Ibidem.

<sup>53</sup> *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 166, p. 1, 21 jul. 1868. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/367737/895>. Acesso em: 4 jan. 2020.

Dividido em vários quadros e com uma riqueza de detalhes fisionômicos, a caricatura de Agostini construída em duas páginas representou no canto superior, da esquerda para a direita, a reverência dos deputados ao curvar-se e acenar com a cartola para o “sol cadente”, representado pelo senador Zacarias. A cena foi sucedida pela a espada da “dissolução” do “nó górdio”, ou seja, da Câmara dos Deputados, ação responsável pelo surgimento do “sol nascente”, representado pelo visconde de Itaboraí, mudança recebida pelo mesmo grupo de parlamentares com animosidade, sensação transmitida através do gesto ameaçador com a cartola e o semblante fechado.

No centro do quadro, com um sorriso discreto, o chefe conservador chama a atenção do público com um sino e aponta com a outra mão para a “revelação” de D. Pedro II sobre o encerramento daquela assembleia, notícia causadora de espanto dentre os liberais presentes como Aureliano Tavares Bastos (esquerda), Bonifácio, o moço (meio), Joaquim Saldanha Marinho[?] (direita) e outra personalidade não identificada nessa pesquisa. Na parte inferior da figura 4, o piemontês intertextualmente retomou o tema produzido na caricatura de “chegada dos deputados” na Corte para a abertura da Câmara durante a presidência de Zacarias com a oposição transformada em “maitacas” e “papagaios” ameaçando a “roça” da “situação” (vide nota n. 32), colheita praticamente devastada na imagem acima. Auxiliado por José de Alencar (esquerda), ministro da Justiça, e José Paranhos (meio), ministro dos Estrangeiros, o visconde de Itaboraí armado com uma espingarda afugenta as aves do campo como se remediasse os danos sofridos pelo governo.

Portanto, sem nenhuma condenação moral ou reivindicação política, a linguagem visual publicada na *Vida Fluminense* descreveu a dissolução da Câmara e a atuação do gabinete sob a liderança conservadora de modo a solucionar os problemas herdados da administração anterior. A tendência governista do periódico ilustrado, primeiro em defesa de Zacarias e posteriormente a favor de Itaboraí, pode também ser verificada quando observamos o intenso debate na imprensa no decorrer das eleições para a Câmara e a difusão de seu discurso em prol dos conservadores. Segundo o *Diário do Povo*, a falta de segurança no decorrer das votações e os casos de violência contra personalidades da oposição impossibilitaram o exercício político ao ponto de os chefes partidário decidirem abandonar as eleições. Assim, o manifesto formulado na reunião recomendava aos seus correligionários

A conselho nosso, o partido liberal abandonou as eleições começadas no dia 7 de setembro. A ostentação da força e o seu emprego desde as vespertas, e

com escandalo logo no primeiro dia do processo eleitoral; A coacção do voto dos empregados publicos, e dos operarios dos grandes estabelecimentos do estado; A intervenção armada, exercida por turbulentos e criminosos celebres n'esta capital; O concurso de praças de [ilegível] desfarçadas a paisana, envolvendo-se violentamente no pleito; As prisões arbitrarías, a grita descompassada, e as ameaças com que os agentes da autoridade procuravam infundir o terror; As desordens seguidas de ferimentos, com que hontem começou a revelar-se a intenção de aterrar as mesas parochiaes e o povo; A falta de segurança pessoal dos juizes de paz e mesarios liberaes: Tornaram impossivel a liberdade do voto. N'estas circumstancias só restava ao partido liberal: ou repellir a força com a força; ou abandonar a eleição. Tomamos a responsabilidade de aconselhar o abandono da presente eleição. [Ass.:] Bernardo de Souza Franco; Zacarias de Góes e Vasconcellos; Francisco José Furtado; José Thomaz Nabuco de Araujo; Antonio Pinto Chichorro da Gama; F. Octaviano de A. Rosa; Theophilo Benedicto Ottoni; Barão de Prados; José Liberato Barroso; Christiano Benedicto Ottoni; Joaquim Manoel de Macedo; Joaquim Saldanha Marinho; A. C. Tavares Bastos<sup>54</sup>.

O boicote recomendado pelas principais lideranças liberais admitia a derrota nas urnas mesmo antes de concorrer ao pleito, previsão decorrente da corrupção do sistema eleitoral e das intervenções de autoridades locais nomeadas de acordo com os interesses da coroa. Muitos dos nomes assinados na carta eram recorrentemente citados na *Vida Fluminense*, porém, o de Zacarias permite conhecermos melhor as mudanças políticas ocorridas na redação da revista de acordo com as circunstâncias ou conveniência pessoais. Diante do “protesto dos treze”, Augusto de Castro comentou em sua crônica semanal

Correram pacificas as eleições no municipio neutro, apesar do protesto dos magnatas opposicistas, que tentaram disfarçar sua fraquesa com o transparente manto de uma retirada em boa ordem. Em que se fundou o protesto! [...] Coacção exercida pelos chefes sobre seus subordinados, imposições feitas pelas autoridades policiaes, intervenção enfim do governo no pleito eleitoral, taes foram as pretensas razões allegadas. [...] As verdadeiras razões são outras. Os chefes do *meeting* politico de Domingo, que com suas autorisadas palavras incutiram no animo publico a necessidade de queimar o ultimo cartuxo no certame eleitoral, não podiam dois dias depois abandonar as urnas, se não tivessem consciencia de que seriam irremediavelmente derrotados<sup>55</sup>.

A negação de qualquer perseguição durante as eleições contradiz as alegações dos chefes liberais e situou o discurso da revista na mesma perspectiva dos correligionários

<sup>54</sup> *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 211, p. 1, 9 set. 1868. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/367737/1067>. Acesso em: 8 jan. 2020.

<sup>55</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 37, p. 2, 12 set. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00037.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00037.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

conservadores<sup>56</sup>. Posteriormente, outro manifesto do Centro Liberal foi ironizado pelo periódico ilustrado<sup>57</sup> devido à ausência de parte dos seus líderes no conselho para a formulação da circular com a recomendação de abstenção dos liberais nas eleições de janeiro do ano seguinte<sup>58</sup>, determinação considerada um “fiasco” pela permanência da pretensão de seus partidários em concorrer nas urnas<sup>59</sup>. Apesar da presença de Zacarias nos dois pareceres da ala liberal moderada, a *Vida Fluminense* não aderiu as reivindicações liberais e manteve uma postura governista mesmo com o Partido Conservador no poder.

Se pudermos afirmar o desalinhamento da redação com a facção liberal após a mudança do ministério, cabe-nos também reforçar o seu posicionamento conservador no segundo semestre de 1868. Além de criticar a “sanha” do *Diário* de “agredir tudo quanto é conservador” ao denunciar a “desenfreada perseguição” das autoridades contra os “inofensivos liberais”<sup>60</sup>, a exposição de uma “nojenta caricatura do respeitável cidadão Marquês de Caxias” na loja do mesmo jornal causou revolta em seus redatores<sup>61</sup>.

Porém, a partir da segunda série (1869), as publicações da *Vida Fluminense* começaram a abordar determinados assuntos do governo criticamente e artigos ou caricaturas questionavam a sua capacidade de desenvolver a sociedade brasileira. A desilusão com os conservadores isolou a revista de qualquer agremiação política ao ponto de ironizar em um trecho de uma narrativa fictícia como o seu “partido” seria aquele que chegasse a ser “inteiro” e como no Brasil “há três partidos distintos em um só venha a nós verdadeiro”<sup>62</sup>. As reclamações contra as decisões dos grupos no poder apenas preocupadas com o “venha nós” reapareceram devido ao estado “ridículo”<sup>63</sup> do país e o trocadilho de partido inteiro foi assim descrito sobre a atual situação do Partido Conservador

<sup>56</sup> *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 254, p. 1, 15 set. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/217280/per217280\\_1868\\_00254.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/217280/per217280_1868_00254.pdf). Acesso em: 8 jan. 2020.

<sup>57</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 48, p. 2, 28 nov. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00048.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00048.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>58</sup> *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 275, p. 1, 22 nov. 1868. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/367737/1323>. Acesso em: 9 jan. 2020.

<sup>59</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 50, p. 2, 12 dez. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00050.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00050.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>60</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 49, p. 2, 5 dez. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00049.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00049.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>61</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 42, p. 2, 17 out. 1868. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1868\\_00042.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1868_00042.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>62</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 82, p. 2, 24 jul. 1869. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1869\\_00082.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00082.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>63</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 109, p. 8, 29 jan. 1870. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1870\\_00109.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1870_00109.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

Triste é dizel-o! O partido conservador já não é quem d'antes era! Outr'ora movido por um pensamento unico, machina perfeita nos minimos detalhes, semelhava um regimento prussiano, disciplinado, terrivel na lucta, pela certeza e promptidão das evoluções, e pela panurgica obediencia de todos ás ordens de um chefe só. Sua força era sua união. Hoje as cousas mudaram de aspecto. Commandam muitos e ninguem obedece<sup>64</sup>.

Enfraquecidos em seu seio pelas ambições pessoais, a falta de princípios agravava ainda mais a confiança nos partidos. Diante do debate na Assembleia sobre a Lei do Ventre Livre, os redatores descreveram a dinâmica partidária

Nossos partidos politicos são empadas *inversas*. O recheio é sempre o mesmo: na casca é que ha alguma differença. E com isto julgava eu lavar um tonto. Como me enganava! A discussão da resposta á falla do throno veio provar-me que até exteriormente são os partidos muitas vezes como as referidas empadas: mesma côr e mesma fôrma! Conservadores transformados em liberaes; liberaes transformados em conservadores!<sup>65</sup>.

Sem nomes políticos para projetar as suas expectativas, cabia aos redatores apontarem os responsáveis pelas mazelas nacionais. Sem assumir nenhuma bandeira partidária, a proposta da revista gravitou em torno de reformas políticas e princípios morais de seus redatores. O pessimismo discursivo contra o governo conservador iniciou com pequenas insinuações como a convocação da “assembleia de cascudos” em um tom de lamentação diante das dificuldades infringidas pelos parlamentares na representação do Brasil<sup>66</sup>, mas logo a “sangria” dos impostos, o elemento escravocrata, o jesuitismo, a religião do Estado, entre outros temas, foram considerados fontes de “atraso” e vinculados explicitamente ao ministério de Itaboraí<sup>67</sup>.

Assim, um dos pontos de maior conflito entre a *Vida Fluminense* e o gabinete de Itaboraí foi a questão religiosa centrada nas ordens religiosas e no Clero. Nesse ponto, podemos perceber a influência direta de Agostini quando comparamos esse mesmo tema praticamente inexistente no *Arlequim*, periódico ilustrado parcialmente pelo piemontês durante a sua circulação. Iniciada

<sup>64</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 112, p. 2, 19 fev. 1870. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1870\\_00112.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1870_00112.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>65</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 179, p. 2, 3 jun. 1871. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/vida\\_fluminense/vida\\_fluminense\\_1871/179.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/vida_fluminense/vida_fluminense_1871/179.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>66</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 70, p. 1, 1 mai. 1869. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1869\\_00070.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00070.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>67</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 78, p. 4-5, 26 jun. 1869. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1869\\_00078.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00078.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

com referências sutis do radicalismo religioso como resquício da Inquisição<sup>68</sup>, a temática protagonizou as polêmicas da redação com os segmentos religiosos, principalmente, após a caricatura sobre o “Concílio Ecumênico”. Na imagem, o caricaturista representou um trem com seu maquinista segurando o estandarte da “ciência”, do “progresso” e do “futuro”, locomotiva interrompida pela carroça guiada por uma figura fantástica vestida com as mesmas insígnias do pontífice da Igreja Católica<sup>69</sup>.

No número seguinte, sem se importar com a reação da “beatice”, além de incorporar o aspecto religioso como fonte de “atraso” nacional ainda acrescentou personalidades políticas e a Guerra do Paraguai. No primeiro plano, o índio como representação do Brasil puxa uma espécie de carrinho com a representação da Guerra do Paraguai e do visconde de Itaboraí sentados, respectivamente, em cima de cargas nomeadas “despesas da guerra” e “impostos”. Como podemos ver a seguir, acompanhados por uma multidão com as bandeiras da “Opinião Liberal” e “Reforma”, da direita para a esquerda, A. Tavares Bastos, Octaviano Rosa e Zacarias seguram a perna do presidente ministerial dificultando ainda mais o movimento do condutor do veículo.

*Figura 5 – Pobre Brasil!*



**Fonte:** *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 90, p. 4-5, 18 set. 1869.

<sup>68</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 68, p. 5, 17 abr. 1869. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1869\\_00068.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00068.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>69</sup> *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 89, p. 4-5, 11 set. 1869. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1869\\_00089.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00089.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

Apesar de fazer todo o esforço para carregar os empecilhos da guerra e da disputa partidária, a figura indígena ainda transporta em suas costas os representantes das ordens religiosas, inclusive, sendo seu caminho guiado pelo bispo do Rio de Janeiro, Pedro Maria de Lacerda, redator do *Apóstolo*<sup>70</sup>. A folha na mão do clérigo com o texto “Viva a Inquisição. Viva os jesuítas. Morra o progresso, a civilização e a liberdade de consciência” indica a sua direção pretendida e intencionalmente desvia a atenção do símbolo nacional da “Estrada do progresso”, caminho indicado na placa de madeira a sua frente e formada pela locomotiva e as chaminés das fábricas no fundo do quadro.

Ironizados na legenda como os “poderosos auxiliares do progresso nacional”, a caricatura condensou os seus principais problemas a serem superados. Os ataques em resposta ao seu posicionamento anticlerical foram incisivos<sup>71</sup>, mas sem se intimidar<sup>72</sup> integrou a liberdade religiosa, a denúncia da vida farta do Clero, a recusa de preceitos como a infalibilidade papal criada por Pio IX e as investidas diretas contra o bispo Pedro de Lacerda como parte de suas reivindicações editoriais<sup>73</sup>.

Se a questão religiosa permaneceu recorrente até o momento de encerramento da firma Almeida, Castro & Angelo, os embates políticos nacionais foram menos abordados na última série da *Vida Fluminense*. Em suas publicações, a revista praticamente ignorou a narrativa detalhada e crítica sobre os acontecimentos na esfera parlamentar, exceto os debates quanto a emancipação escravocrata. Talvez, a baixa visibilidade nesse assunto decorreu do afastamento de Agostini por causa de um “incômodo” não especificado<sup>74</sup>, trabalho de ilustração realizado em diversos números por artistas como Faria, Pinheiro Guimarães e Valle. A diminuição das abordagens agressivas de personalidades também pode estar relacionada com a ascensão do novo ministério conservador presidido pelo senador Paranhos e o apoio da redação com os seus procedimentos para lidar com a questão escravocrata.

Portanto, ao longo das séries com Agostini na redação, a *Vida Fluminense* oscilou entre um periódico governista progressista (Zacarias) e conservador (Itaboraí) para uma oposição

<sup>70</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 92, p. 8, 2 out. 1869. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662\\_1869\\_00092.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709662/per709662_1869_00092.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>71</sup> O *Apóstolo*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 39, p. 7-8, 26 set. 1869. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/343951/per343951\\_1869\\_00039.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/343951/per343951_1869_00039.pdf). Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>72</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 92, p. 2-3, 2 out. 1869.

<sup>73</sup> Cf. os números 169 (p. 8), 173 (p. 2), 181 (p. 3 e 6), 201 (p. 2-3) e 203 (p. 4-5), entre outros, da *Vida Fluminense*.

<sup>74</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 184, p. 2, 8 jul. 1871. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/vida\\_fluminense/vida\\_fluminense\\_1871/184.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/vida_fluminense/vida_fluminense_1871/184.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

moderada a todas as agremiações partidárias até encerrar o ano de 1871 com manifestações pontuais de apoio ao gabinete de Paranhos. Contudo, apesar das constantes transições, a revista permaneceu monarquista e rejeitou as tendências republicanas intensificadas após as dissoluções do ministério e da câmara temporária em 1868. Diferentemente das alegações dos segmentos liberais da “ditadura” e do “imperialismo” existente no Brasil, o seu Estado foi descrito assim

E ainda se acha que vivemos muito sopeados por um ferrenho poder pessoal! Haverá entretanto no mundo, republica de *facto* como seja esta boa terra? Haverá republica no mundo em que se gose maior liberdade de pensamento e de acção? Em que uma folha diária accuse tão sem reboço de stellionatarios e ladroes os mais altos funcionarios publicos! Em que se ataque tão de frente o chefe da Nação? [...] Em que se veja no lugar mais publico uma casa, tendo na fachada uma taboleta com estas palavras anti-monarchicas: - Club Republicano? [...] No Brasil tolera-se tudo, tudo, tudo! Toleram-se até o que é defeso nas alcunhadas republicas das duas Americas. E ainda acham que é pouco! É sempre a mesma fábula das rãs, pedindo novo rei!<sup>75</sup>.

Satisfeito com a “liberdade” no regime monárquico de D. Pedro II, a *Vida Fluminense* defendeu a sua permanência. Por isso, a análise desse periódico demonstrou as lacunas de determinadas narrativas historiográficas sobre a biografia de Agostini e permitiu percorrer a construção em suas caricaturas de pautas políticas e sociais de forma não linear.

## Conclusão

No início de 1868, o desejo de abordar criticamente os principais temas do Império e o aumento no número de páginas da revista provocou a mudança do nome de *Arlequim* para *Vida Fluminense* com sua redação formada por Augusto de Castro, Antonio de Almeida e Angelo Agostini. Durante a sua primeira série, o periódico apoiou os partidos no ministério, primeiramente o gabinete progressista de Zacarias e no segundo semestre o ministério conservador de Itaboraí. Na “fase” progressistas, os alvos das publicações foram os grupos oposicionistas do governo como os “liberais históricos”, o jornal liberal *Diário do Povo* e a folha conservadora *Correio Mercantil*, tratamento que visou destacar a inveja e a ganância

---

<sup>75</sup> A *Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 172, p. 3, 8 abr. 1871. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/vida\\_fluminense/vida\\_fluminense\\_1871/172.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/vida_fluminense/vida_fluminense_1871/172.pdf). Acesso em: 22 nov. 2018.

desses segmentos para derrubar a administração “benéfica” de Zacarias. No entanto, após a nomeação do visconde de Itaboraí para organizar o ministério e a dissolução da Câmara dos Deputados de maioria progressista, imediatamente os redatores apoiaram o novo chefe e criticou as alegações dos treze líderes liberais quanto a violência praticada pelo governo para eleger seus candidatos nas eleições. Contudo, ao longo da segunda série até 1871, a *Vida Fluminense* também estendeu as suas críticas aos membros do governo, aos republicanos e manteve as discordâncias com os liberais da *Opinião Liberal* e da *Reforma*. Assim, sem pertencer a base governista ou a oposição constituída, a revista moderadamente apoiou as medidas propostas pelo gabinete consideradas em prol do “progresso” e criticou a situação “atrasada” de seu período pelas condições econômicas, a ação do Clero, o elemento servil, entre outros.